

ENSINO DE ANTROPOLOGIA EM “OUTROS CURSOS”¹

Alberto Groisman
Universidade Federal de Santa Catarina

1. Introdução

Uma maior visibilidade do trabalho de antropólogos no Brasil – assim como as movimentações associadas ao que tem sido chamado de “interdisciplinaridade” e “transdisciplinaridade” – ampliou sobremaneira o interesse por sua contribuição em campos de conhecimento e de intervenção nos quais antes tais profissionais não atuavam ou atuavam de forma menos visível.

Esta maior visibilidade e seus desdobramentos têm, ao mesmo tempo em que aberto novas e, em certo sentido, desejadas áreas de atuação, também estimulado os antropólogos a refletir sobre seu papel e atitude, sobre as expectativas quanto a seu trabalho e ainda sobre as formas de atuação mais adequadas, para fazer frente a esta que poderia ser chamada de uma “nova” conjuntura profissional (se considerarmos principalmente o exíguo espaço que os antropólogos ocupavam nos departamentos de Ciências Sociais das universidades federais até há pouco tempo).

¹ Texto elaborado como forma de relato da exposição e do debate realizado por ocasião do Fórum do Encontro “*Ensino de Antropologia: diagnóstico, mudanças e novas inserções no mercado de trabalho*”, Florianópolis, dezembro de 2002. Este relato foi enviado aos participantes-expositores do fórum (para os endereços eletrônicos informados na Plataforma Lattes), para que o examinassem antes desta publicação. Meus agradecimentos a Neusa Maria Mendes de Gusmão, a Laís Maretti Cardia e a Maria Lúcia da Silveira, que leram o manuscrito e fizeram comentários e sugestões de revisão e de modificação, todos considerados nesta versão final.

Assim, diante das expectativas que vão sendo alentadas nas demandas que surgem, a atitude profissional e ética, assim como os desafios, os dilemas e as ambigüidades que esta nova conjuntura traz têm feito parte das reflexões dos antropólogos e certamente das indagações que levantam os eventuais interessados em contar com seu trabalho. Mais especificamente no caso da abordagem que aqui formulo, o enfoque é a formação de estudantes de cursos universitários, nos quais, em muitos casos, antropólogos dedicados à docência não estavam acostumados a – ou não cogitavam – atuar.

Preocupados com questões associadas a esta conjuntura, os organizadores do encontro *“Ensino de Antropologia: diagnóstico, mudanças e novas inserções no mercado de trabalho”*, motivador desta publicação, propuseram o Fórum *“Ensino de Antropologia em outros cursos”*, agendando o debate em termos dos seguintes aspectos: (1) levantamento dos cursos que têm disciplinas de Antropologia; (2) metodologia; (3) conteúdo: introdução à Antropologia Geral ou disciplinas dirigidas?; (4) Professores do quadro do departamento de Antropologia ou dos departamentos voltados para outros cursos?; e (5) partilha das experiências vividas. Assim, reunidos numa tarde de dezembro de 2002, professores, pesquisadores, estudantes e outros interessados, associados direta ou indiretamente com as questões propostas pelo fórum, debateram-nas densamente, contribuindo substancialmente para a reflexão sobre o assunto.

2. O Fórum

Coordenado pela Prof.^a Neusa Maria Mendes de Gusmão, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o Fórum *“Ensino de Antropologia para outros cursos”* ocorreu na tarde do dia 06 de dezembro de 2002 e tratou direta e indiretamente das questões propostas na pauta do encontro, tendo como cenário e contextos de discussão – vamos dizer “empíricos” – os relatos das experiências dos participantes. Muitos dos quais professores e egressos de formação em Antropologia ou em Ciências Sociais, os participantes debateram a formação e a atuação em “outros cursos”, que não aqueles nos quais os

antropólogos esperam atuar como docentes – os cursos de graduação e de pós-graduação em Ciências Sociais e em Antropologia.

Os participantes que apresentaram trabalhos no Fórum e as instituições nas quais atuam foram, por ordem de exposição: Rita de Cácia Oenning da Silva, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL; Angela Maria de Souza, da Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI (SC); Alejandro Labale, da Fundação Universidade Regional de Blumenau – FURB (SC); Fernando Gonçalves Bitencourt, da Escola Técnica Federal de Santa Catarina e da Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC; Regina Coeli Machado e Silva, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Laís Maretta Cardia, da Universidade Federal do Acre – UFAC; Alexandre Bérghamo, da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” – UNESP; Marcelo José Oliveira, da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI (SC); Margarete Fagundes Nunes, do Centro Universitário Fevale (RS); Liliane Brum Ribeiro, da Faculdade Estácio de Sá (SC); Araci Maria Labiak, Universidade Tuiuti e Facinter (PR); e Maria Lúcia da Silveira, da Universidade Federal do Paraná. Em suma, tratou-se de um leque importante de atuação que inclui instituições federais, estaduais, públicas, de direito público e de direito privado, ou seja, representando um quadro bem variado.

Os cursos nos quais a existência de disciplinas de Antropologia ou que envolvem conteúdos associados foi mencionada foram os seguintes – também sugerindo um bom universo de representatividade: Turismo, Design e Desenho Industrial, Política, Educação Física, Hotelaria, Letras, Pedagogia, Moda, Nutrição, Estudos Culturais, Propaganda e Publicidade, Jornalismo ou Comunicação Social, Serviço Social, Enfermagem, Medicina, Educação Artística, História e Segurança Pública. Foram mencionadas também atuações junto a Equipes do Programa de Saúde da Família, de cursos de pós-graduação, privados e públicos, Programas de educação à distância, e junto ao Ensino Médio.

Os trabalhos procuraram articular relatos de experiências pessoais em instituições e em organizações de ensino superior e questões consideradas relevantes para a discussão. Como penso que não é possível sintetizar precisamente o riquíssimo e diverso debate que se travou no evento, vou tentar, abaixo, relatar, procurando com fidelidade e lealdade, a partir do conteúdo das falas e das contra-falas, que refletem implicitamente posições e contraposições, olhares e contra-olhares, angústias e apaziguamentos (e seus infundáveis e inúmeros interstícios), questões que considerei e que percebi ambiciosa – e espero que não pretenciosamente – que os participantes também consideraram relevantes para sua reflexão.

É importante dizer que esta sistematização é arbitrária em tempo e em espaço, ou seja, que ela não respeita necessariamente o momento em que cada idéia foi levantada, e que está formulada em “notas”. Além disso, e prementemente, ela se presta a todo tipo de reparo, mas propõe, de forma mais ou menos organizada, uma agenda de debates para o tema.

Em suma, o conteúdo deste relato é uma síntese destas questões e de uma percepção do conteúdo do ponto de vista do sentido da proposta de discussão e do debate estabelecidos. A despeito da ordem de aparição, e eventual ênfase em alguma questão, não houve preocupação em estabelecer, aqui, qualquer gradação de relevância, inclusive considerando que, para que o grupo, se necessitaria de mais tempo e reflexão para amadurecer posições ou priorizar/hierarquizar questões.

3. Questões e propostas sintetizadas e apresentadas à plenária final do encontro

Apresento, a seguir, os principais tópicos do conteúdo do relato feito à plenária final do Encontro, na qual se procurou sintetizar os quesitos e as considerações mais representativas e sintéticas das exposições e dos debates ocorridos por ocasião da sessão do Fórum.

3.1 De metodologia de ensino

Uma questão destacada por mais de um expositor foi o problema de atrair a atenção de alunos que tomam a Antropologia como uma disciplina secundária para sua formação. À guisa de síntese, um expositor afirmou que o professor de Antropologia em outros cursos precisa ser um “craque de malabares” para prender a atenção do aluno. Do ponto de vista das práticas de ensino, levantou-se a utilidade de incluir atividades lúdicas nas aulas de Antropologia. Foi enfatizada, ainda, a importância didática de programar experiências de trabalho de campo para os alunos de outros cursos.

3.2 De currículo e de conteúdo

Questões e conceitos “básicos” abordados usualmente pelos estudos de Antropologia – relativismo, diversidade, etnocentrismo e cultura – foram mencionados como relevantes para fazer parte dos conteúdos das disciplinas para outros cursos. Neste sentido, foi levantado que este conteúdo eventualmente precisa ser “aplicado” para ser compreendido. Assim, foram também mencionados temas como xenofobia e relações com populações minoritárias como tendo sido enfocados em experiências de sala de aula e boa repercussão no sentido de promover uma melhor compreensão das questões e dos conceitos básicos.

Foi apresentada como importante contribuição dos professores de Antropologia a atuação na capacitação dos estudantes de outros cursos por um lado, em metodologia científica, e por outro através da orientação de projetos de pesquisa. Entretanto, foi registrado que pouco reconhecimento é dado a estas atividades, tanto em termos das cargas horárias quanto na avaliação do trabalho destes professores.

Um participante levantou que, dadas a importância e a consistência do conhecimento atualmente produzido pela Antropologia – e a partir da tradição iniciada pelo trabalho clássico de Marcel Mauss, “*As técnicas corporais*” –, é importante

a contribuição dos antropólogos na relativização de visões “mais técnicas”, por exemplo, sobre o corpo.

Sobre ementas das disciplinas, foi levantada a questão da relevância de se avaliar se devem ser genericamente unificadas ou se devem ser diversificadas conforme o curso para o qual se dirigem.

Foram propostas, ainda, a ampliação da carga horária das disciplinas e a ampliação do número de inserções de disciplinas de Antropologia em outros cursos.

3.3 Da formação

Quanto à atuação dos futuros professores de Antropologia (neste caso, uma reflexão para os cursos de pós-graduação), em diferentes passagens foi enfatizada a necessidade de formação pedagógica adequada, geral e específica, teórica e metodológica. Também associada a esta, está a questão de antropólogos serem treinados para serem pesquisadores, e, por isso, a pouca atenção dada à sua formação didática.

O status do professor de Antropologia que atua em outros cursos e a influência que a sua atuação tem na formulação de concepções de “homem” e de “sociedade” por parte dos alunos foram abordados como problemático..

Outro tema associado à formação foi o do treinamento dos antropólogos para desenvolver senso crítico em relação do racionalismo ocidental. Esta perspectiva levaria os alunos a pensar criticamente sua futura profissão. Foi observado, neste sentido, o paradoxo decorrente, ou seja, de que a Antropologia, como propondo este tipo de reflexão crítica e de estranhamento, colocaria em xeque o próprio modelo de formação profissional vigente no curso.

Por último, um tema de grande relevância foi levantado: o da dificuldade em estabelecer um diálogo reflexivo com os alunos daqueles cursos que dão ênfase à intervenção, como medicina e enfermagem. Os alunos destes cursos, neste sentido, em geral assistem a disciplinas de Antropologia nas primeiras fases, quando ainda é candente sua expectativa de aprender o que vão utilizar em sua prática profissional, e não a de refletir

criticamente sobre questões consideradas relevantes pelos professores de Antropologia.

3.4 Das questões político-epistemológicas

De certa forma associado ao tema da formação, mas também envolvendo os aspectos políticos e epistemológicos da atuação dos professores de Antropologia em outros cursos, o problema do diálogo esperado – tanto por professores de Antropologia, quanto por alunos, e ainda por professores de outros departamentos que atuam nestes cursos – foi registrado como um aspecto relevante para o debate. Muitas vezes, a expectativa é a de que a Antropologia apresente uma “coleção de curiosidades”, ou que a Antropologia proporcione para os alunos um instrumental para, por exemplo nos cursos de propaganda, poderem ter conhecimento de processos culturais para ter acesso a chavões, slogans – enfim, palavras-chave de persuasão – e para, assim, saber manipulá-los.

Assim, ficou a pergunta: a Antropologia instrumentaliza o quê? Quem? Para quê? Se não instrumentaliza, passa a ser considerada irrelevante ou inútil.

Por outro lado, foi colocado que o saber produzido, neste caso pela Antropologia, não pode ser controlado e que está, de qualquer forma, disponível.

Enfatizou-se, ainda, a necessidade de se desconstruir o que foi chamado de o “mito das instituições privadas”, mas foi destacado também que nestas instituições, onde os alunos pagam conforme as disciplinas que cursam, as de Antropologia são menosprezadas por serem consideradas “caça-níqueis”. Associada a isso, há a avaliação dos professores que, em universidades privadas, é feita semestralmente pelos alunos. Neste caso, foi levantada a hipótese de que estes alunos estariam motivados e imbuídos de um espírito de consumidores e que poderiam excluir o professor dos quadros destes cursos com base em critérios imediatistas ou superficiais.

Questões como “será que a resistência dos antropólogos em relação a ensinar Antropologia para outros cursos não estaria revelando uma supervalorização da Antropologia como ciência

ética?” ou “qual o lugar das Ciências Sociais em outros cursos?” foram também levantadas.

A sobreposição de conteúdos entre professores de Antropologia e de outros departamentos foi abordada como um reparo daqueles professores em relação à atuação dos professores de Antropologia. A questão da “apropriação” dos conteúdos consagrados da Antropologia por outros professores e a forma peculiar com que os antropólogos produzem ciência foram também mencionadas como ambigualmente produtivas em sala de aula.

O problema de discutir em sala de aula questões que exigiriam um aprofundamento por parte dos alunos em teoria do conhecimento, o que não ocorre nos chamados “outros cursos” e que faz com que os conteúdos e a atuação do antropólogo nestes cursos sejam vistos como “perfumaria”, e o fato de que a atuação do professor de Antropologia ocorre nos campos político e educacional, nos quais a tônica é o conflito, foram as últimas questões discutidas no tópico.

3.5 Auto-crítica

Deu-se pouca atenção à atuação da Antropologia em “outros cursos” de pós-graduação.

3.6 Questões específicas propostas na sessão e para o debate

a) A questão das diversas tensões no contexto do ensino de Antropologia para outros cursos e principalmente a tensão entre o objeto da Antropologia e o objeto da formação de profissionais em outros cursos;

b) A questão de trabalhar o relativismo pode implicar, paradoxalmente, uma reificação das diferenças em desigualdades. Isto se daria na medida em que este conteúdo, característico da atuação de antropólogos em outros cursos, exclui da reflexão as pessoas que têm dificuldade de compreender o que é o relativismo, e que, inclusive, os estudantes de Ciências Sociais e de Antropologia precisam cursar mais de uma disciplina para compreender;

- c) A necessidade de unificar minimamente os currículos e de se pensar a possibilidade de regulamentar a profissão;
- d) A Antropologia para outros cursos deveria ser uma disciplina "instrumental" ou uma disciplina "científica"?
- e) Separar a reflexão sobre o que é Antropologia e sobre o que é o professor de Antropologia;
- f) Pensar o estímulo ao ingresso de antropólogos no quadro de professores dos outros cursos;
- g) Que, considerando a necessidade de partilha e de reflexão, a ABA mantenha um Fórum permanente de discussão sobre o ensino de Antropologia.

3.7 Outros temas específicos relevantes abordados, mas insuficientemente debatidos

- a) Método pedagógico e relações sociais: relações didáticas? Interferência, Intervenção e Atitude;
- b) Os mercados: profissão e produto;
- c) Antropologia no Ensino Público e Antropologia no Ensino Privado;
- d) Antropologia no Ensino Médio e nos "outros cursos" de Pós-Graduação;
- e) O antropólogo como "extensionista".

4. Notas da relatoria sobre temas e questões relevantes apresentadas: Antropologia, antropólogos, necessidade(s): temas e problemas de pertinência e de aceitação

Para estabelecer uma síntese das interrogações, dos temas, dos conteúdos e da reflexão realizada no Fórum "*Ensino de Antropologia para outros Cursos*", e procurando perceber motivações implícitas nas falas dos expositores e no debate travado, a meu ver podemos considerar como pano de fundo deste exercício duas dimensões: uma primeira, que envolveria um questionamento genérico sobre a necessidade do estudo da Antropologia para a formação dos "quadros" da sociedade brasileira; e, uma outra, associada mas sutilmente distinta, e também de grande relevância, que interrogava sobre se

deveríamos considerar “necessárias” a atuação de pessoas com formação em Antropologia, tanto por parte da “oferta de” quanto por parte da “demanda por”, partindo da expectativa de que estas pessoas contribuiriam como “civilizadores”, “preparados” para propor aos estudantes de outras áreas questões fundamentais para que pudessem pensar o mundo em que vivem e exercer com sucesso suas próprias profissões.

Estas questões, que apareceram como pano de fundo da discussão, suscitaram outras tão importantes quanto elas e que reuni nos seguintes tópicos:

4.1 Conceitos básicos/conteúdos relevantes: relativismo cultural, diversidade cultural, etnocentrismo...

Entre os conteúdos mencionados como relevantes para serem abordados em disciplinas de Antropologia para outros cursos, estão os chamados “conceitos básicos” da Antropologia. Neste sentido, foi sublinhada por uma expositora a importância de questões que são trazidas pela Antropologia para outros cursos – e que, na sua visão, podem contribuir para as outras áreas –, no seu caso específico para o curso de Turismo: relativismo cultural, diversidade cultural, xenofobia. O seu argumento foi o de que as pessoas não têm acesso a esses conceitos para refletir o “processo do turismo” na sociedade em que vivem. Outra questão abordada foi o uso destes conceitos no curso de Design para ajudar o aluno a refletir sobre seu papel no sentido de pensar sua contribuição como “produtor” ou criador de necessidades, basicamente as “de consumo”.

Foi levantada, por outro lado, a discussão sobre a pertinência da Antropologia para outros cursos do ponto de vista de que esta pode representar uma crítica ao racionalismo ocidental (não através da introdução ao relativismo, mas propondo uma crítica às formas ocidentais de racionalidade). Disse o expositor: “só podemos trabalhar a diferença com as pessoas que têm um critério para reconhecer a diferença”. Em segundo lugar, “pensar criticamente sua prática (da Antropologia), como seria esta prática profissional com o

diferente ou desde a diferença”; e finalmente, “para as áreas da saúde”.

Ainda uma nota importante sobre conceitos básicos foi o fato de que uma expositora que ministra disciplinas de Sociologia nos cursos de letras, pedagogia, turismo e hotelaria, incluiu a noção de cultura nos seus programas, com ênfase na discussão da ideologia da alienação e na separação entre ideologia e cultura.

4.2 Antropologia nas primeiras fases: Conhecimento antropológico, Teoria, Instrumentalização e Atitude

As considerações de que as disciplinas de Antropologia têm sido ministradas nas primeiras fases, ou para cursos nos quais o projeto antropológico poderia estar em choque com os respectivos projetos profissionais, suscitou um debate sobre a pertinência da inserção da Antropologia nestes outros cursos.

Um depoimento deu conta das expectativas de recrutamento de antropólogos. Neste caso, o expositor narrou que foi contratado porque se esperava que ele pudesse fazer uma boa intermediação entre “pesquisa sobre consumo e moda”, “prática de pesquisa de campo” e “curso de moda”. Este tipo de contratação foi mencionado como um equívoco, que demonstraria preconceitos, falta de informação ou fantasias dos administradores da academia em relação ao que os antropólogos fazem ou podem fazer. Neste sentido e em relação a uma experiência no curso de Comunicação Social, foram mencionados os seguintes problemas: qual é diálogo esperado por aqueles que contratam antropólogos? Basicamente, atender a determinadas expectativas: (1) intermediação entre Antropologia e a prática da comunicação, da publicidade e do marketing; (2) que aquilo que se diga seja entendido pelos alunos; (3) que os alunos gostem dos professores, e que tenham certa identificação – em suma, estas são contingências; (4) (a cobrança maior de) que as informações que a gente passa sejam úteis na formação destes alunos, que o que se diga tenha um caráter utilitário; se não for útil para aquelas pessoas, não interessa, e o professor é mandado embora. Assim, ficou a

interrogação: “qual a eficácia deste diálogo?”. Neste sentido, prosseguiu: o saber passado fica sendo exatamente este pronto para ser instrumentalizado por eles, e não significa que seja necessariamente um “saber antropológico”.

Um problema associado também levantado foi a questão das expectativas: “estes alunos estão num processo de formação intelectual e é claro que eles precisam ... assumir uma postura... eles têm de se pensar no curso e se pensar enquanto profissionais... perante outras profissões.... inclusive perante aquele antropólogo que está ali dando aula para ele... este processo de formação implica marcar uma diferença entre ele e o próprio professor”.

Outra questão também apresentada na seqüência foi sobre o “saber passível de instrumentalização... O problema é que a Antropologia, passando este conhecimento, se transforma no direito ao conhecimento, ao saber antropológico que poderia enriquecer estes alunos, ele se transforma num saber de serviço... não passa de um serviço... um serviço que ganhou um certo modismo... que se chama na área de “marketing social”, considerado por todos eles como um “bom negócio”, e o antropólogo ou o pseudo-antropólogo vai desenvolver uma saber de serviço... Então só para colocar em debate... a Antropologia se presta muito bem a este serviço. Então, como lidar com todos estes problemas?”.

Também no campo epistemológico, um expositor levantou o seguinte tema: “é difícil competir com a tecnologia... Eu pensei o título de nosso fórum numa situação específica” da “pertinência da Antropologia em outros cursos”, definindo “dois eixos”: primeiro, “a formação e como ela nos habilita a resolver esta questão”; segundo, “pensar a situação curricular na qual a Antropologia é inserida em outros cursos”. E, assim, a formação em Antropologia como “uma opção de pós-graduação... pensada a partir de formar um pesquisador, [...] mas que se vai realizar como docente... situação esquizofrênica”. Treinado para ser pesquisador, o antropólogo “acaba professor”.

O tema da contribuição da Antropologia para a crítica do racionalismo foi também levantado no debate sobre o papel do

antropólogo em outros cursos. Tomando a questão "sob o ponto de vista dos alunos", foi observado, numa fala, que o "aluno-padrão das primeiras fases... tenta fazer uma distinção... clara entre o que é conhecimento e senso comum", assim ele pergunta "'quais os aportes que a Antropologia poderia levar a outros cursos: uma crítica ao racionalismo ocidental... e como?' não através do relativismo... (e sim através de) criar uma crítica às formas ocidentais para introduzir o racionalismo? ... pensar a diferença? ... mas só podemos trabalhar a diferença com as pessoas que têm um critério para reconhecer a diferença! A segunda: pensar criticamente sua prática... como seria esta prática profissional com o diferente, ou desde a diferença...e a terceira... áreas da saúde... auxiliar quando a prática profissional leva as pessoas a trabalhar em comunidade ... entendimento da pluralidade... ver o futuro profissional". Foram propostos, então, os seguintes procedimentos: (1) municiar os futuros antropólogos com uma reflexão sobre os instrumentos didáticos; e (2) "pensar uma Antropologia do conhecimento... de forma mais próxima da sala de aula".

4.3 "Outros" cursos: "outros" alunos?

Em relação à "presença" da Antropologia em outros cursos, que não deixa de ser uma forma distinta de pensar o assunto, dois pontos de vista bastante contrastantes foram colocados. O primeiro teve como base uma experiência em cursos de Educação Física, nos quais se pode distinguir duas grandes áreas: a ciência da motricidade humana/movimento humano, conectada com as ciências da natureza, hegemônica, biomecânica, voltada para uma aprendizagem motora, para o treinamento esportivo, para a formação de profissionais que trabalham em academias, etc., e que tem uma perspectiva de intervenção técnica sobre o corpo, como a melhoria do rendimento atlético, melhoria da velocidade, resistência, performance atlética, "mais cestas, mais gols, cortar melhor, levantar melhor"; e a outra área ligada à pedagogia, que busca suporte na ciências sociais e humanas. Sua visão diverge da idéia de intervenção "meramente instrumental", inclui uma

“intervenção pedagógica”, um compromisso com a educação: “aquilo que a sociedade produz enquanto cultura para o movimento”. O expositor vê uma disciplina de Antropologia no curso de Educação Física como um espaço pertinente para discutir antropologicamente o movimento e o corpo, e para discutir o sentido e o significado da intervenção técnica, que se torna intervenção pedagógica. A partir desta perspectiva, então, de pressupostos sobre o que é o homem, das relações com outros homens, com a natureza, com o sobrenatural, torna-se possível sustentar suas práticas, repercutindo a reflexão já clássica de Marcel Mauss sobre as práticas corporais. Como desdobramento, pode-se pensar a funcionalidade do esporte na sociedade em que vivemos, se o esporte vai salvar as crianças da droga e da violência. Em suma, deste ponto de vista, a Antropologia “faz parte do próprio ser da educação física”.

O outro ponto de vista parte de uma experiência com alunos de outros cursos. A expositora afirmou que teve de se tornar um “craque no uso de malabares” para adequar metodologias, dinâmicas para poder prender a atenção de alunos de história, geografia, pedagogia e educação física. Clientelas diferenciadas com interesses diferenciados, turmas muito grandes (quarenta, cinquenta, sessenta alunos), difíceis de controlar, interesse quase zero, foram alguns problemas levantados por esta expositora. Tentou associar-se com professores de áreas específicas de outros cursos, e a resposta desses professores foi negativa. Achou difícil compatibilizar os conteúdos, o que implica que, para cada curso, se elabore uma ementa diferente. E deu o exemplo da Educação Física como o “mais sério”, de resultado pouco animador. Em sua experiência, os alunos não se propõem a ler e não se identificam com as abordagens antropológicas. Um outro problema sério é o de que a disciplina de Antropologia fica intercalada entre uma aula de natação e outra de dança ou de basquete. Alunos chegam com trajes de banho, às vezes molhados em sala de aula, sentam e “ficam te olhando como se você fosse uma cesta de basquete”. E, ao final, afirmou que se propunha a assumir a disciplina porque achava um desafio grande: dar um curso para pessoas que não estão disponíveis. Distintos em relação aos seus pontos

de vista e aos seus graus de otimismo com a experiência do ensino para outros cursos – e aqui particularmente em relação a projetadas necessidade e disposição dos alunos de Educação Física para com conteúdos de Antropologia –, os dois relatos refletem momentos pedagógicos também distintos e, neste sentido, não necessariamente se contradizem. Talvez possamos tomá-los como síntese do paradoxo implícito na agenda de debates do Fórum, ou seja, uma percepção difusa mas consistentemente expressa de que, de um lado, décadas de acumulação de conhecimento e experiência no campo da Antropologia podem contribuir para a formação de estudantes de outros cursos, mas de outro que há ainda muito a se pensar e fazer para habilitar antropólogos para a docência – e, particularmente, em “outros cursos”.

5. (In)conclusão

Faço, nesta derradeira seção, uma pequena anotação-oração à guisa de fechamento, mas não de conclusão do debate. Sem sombra de dúvida, as exposições e trocas de idéias ocorridas neste Fórum *“Ensino de Antropologia para Outros Cursos”*, do Encontro *Ensino de Antropologia: diagnóstico, mudanças e novas inserções no mercado de trabalho*, refletiram percepções e sentimentos variados de pessoas envolvidas e interessadas no assunto, também por variadas razões. Inquietantes, mas da mesma forma – e talvez por isso – alentadores, os depoimentos e as idéias apresentados no Fórum demonstraram, em geral, a consistência da inserção e do envolvimento, a capacidade crítica e auto-crítica, a seriedade de propósitos e o compromisso ético de profissionais docentes que ministram conteúdos de Antropologia em “outros cursos”, tanto em relação aos seus alunos, como em relação a seus colegas de formação em Antropologia quanto “de outros cursos”, e às instituições nas quais trabalham.

Assim, embora recorte incidental de circunstâncias e espaço de narrativa de experiências idiossincráticas, este Fórum conseguiu, em seu pouco tempo de duração (uma tarde!), desdobrar momentos e situações, assim como estimular

fundamentais reflexões sobre a formação e o exercício da docência, que, de fato, transcenderam significativamente – e contribuíram efetivamente para – a reflexão sobre o tema proposto.

Na expectativa de que as questões e o conteúdo das experiências e inquietações dos participantes, assim como o teor das reflexões e dos avanços apresentados, continuem fazendo parte de nossas reflexões – e, assim, de nossas agendas acadêmica, profissional, pedagógica e ética –, finalizo este relato.

6. Relação de trabalhos inscritos no Fórum:

Prof.^a Neusa Maria Mendes de Gusmão – UNICAMP/SP

Título: **Antropologia e Educação: Histórias e Trajetos**

Prof.^a Laís Maretta Cardia – UFAC/AC

Título: **Um caleidoscópio de experiências: o ensino da Antropologia nos cursos de graduação em geografia, história, pedagogia e educação e física**

Prof.^a Regina Coeli Machado e Silva – UNIOESTE/PR

Título: **Quando a Antropologia se Transforma em “Cultura”:**
o Ensino de Antropologia em Outros Cursos

Prof.^o Fernando Gonçalves Bitencourt – CEFET-SC – CEFID/
UDESC/SC

Título: **Antropologia e Educação Física: conexões e desafios**

Prof.^o Alexandre Bergamo – UNESP /SP

Título: **Antropologia para os cursos de comunicação social**

Prof.^o Marcelo José de Oliveira – UNIVALI/SC

Título: **Da sala de aula aos programas de extensão dos cursos de Psicologia e Pedagogia numa instituição privada de ensino superior**

Prof.^a Margarete Fagundes Nunes – FEEVALE/RS
Título: **Ensino de Antropologia para outros cursos: “algumas boas questões para pensar”**

Prof.^a Angela Maria de Souza – UNIVALI/SC
Título: **O ensino de Antropologia no Curso de Design -Moda e Industrial**

Prof.^a Rita de Cácia Oenning da Silva – UNISUL/SC
Título: **O Ensino de Antropologia no Curso de Turismo**

Prof.^a Liliane Brum Ribeiro – Faculdade Estácio de Sá/SC
Título: **A sala de aula como um trabalho de campo**

Prof.^o Alejandro Labale – FURB/SC
Título: **Pensando o Ensino da Antropologia: Formação e Currículum**

Prof.^a Maria Lucia da Silveira – UFPR/PR
Título: (apresentado sem título)

Prof.^a Aracy Labiak – Antropóloga – Facinter/PR
Título: **Cursos, Caminhos e Campos de Ensino da Antropologia**